



## LÉ COM CRÉ? MORADIA, LAZER E IDENTIDADE NA RUA GAY DE SÃO PAULO

Bruno Puccinelli<sup>1</sup>

A Rua Frei Caneca, localizada na região central da cidade de São Paulo, constitui-se como lócus privilegiado de minha pesquisa de mestrado. Para esta apresentação trago questões relativas às relações de identidades sócio-sexuais trabalhadas no plano dos discursos de novos moradores da rua. Já em períodos anteriores, mas principalmente a partir da expulsão de um casal de homens do shopping localizado na FC em 2003, a rua tem sido amplamente reconhecida como um “lugar gay”, atribuindo-se-lhe uma sexualidade fixada inerente ao espaço. Isso pode ser observado, por exemplo, nos apelidos que tanto o shopping quanto a rua ganharam: Frei Boneca e Gay Caneca. O que pretendo apresentar são os novos empreendimentos imobiliários na rua que têm trazido moradores de outras regiões da cidade, de alto poder aquisitivo, e cujos interesses na mudança da moradia perpassam a suposição de uma maioria residencial “gay” aliadas à localização central da cidade e a um comportamento cosmopolita referente a estar num espaço “descolado” e “moderno”.

Sexualidade; Identidade; Espaço Urbano; Lazer

### *Introdução*

Desde meu trabalho de Iniciação Científica tenho feito levantamentos sistemáticos na região da Rua Frei Caneca. À época me detive nas relações entre frequentadores, usuários e comerciantes do Shopping Frei Caneca, o campo da pesquisa, e pude observar de que forma o espaço era qualificado e descrito, como era utilizado e quais termos eram acionados para que alguns desses atores se referissem a outros. Neste caso, o foco especial se dava na definição de frequentadores auto-

---

1 Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo; [monobruno@hotmail.com](mailto:monobruno@hotmail.com)

denominados gays, e tentei problematizar a questão dos usos classificatórios do termo, visto que ele não expressa uma suposta neutralidade genérica do que possa ser o sujeito homossexual, mas que se utilizavam de um número maior e mais diverso de termos para se referir a outros homens reconhecidos como homossexuais: bicha poc-poc, urso e, principalmente, maricona, num movimento de desqualificação por um entendimento pejorativo de gênero e geração, mas que resvalava também para diferentes percepções de classe.

Naquela época já pude perceber fenômenos urbanos no entorno que poderiam sugerir alterações rápidas na configuração espacial da região, do bairro e até dos espaços da Avenida Paulista. Isso já se dava de forma mais expressiva desde a inauguração do Shopping Frei Caneca em 2001, afetando sensivelmente o trânsito e a configuração da rua como uma rua de prevalência residencial; anos depois, as alterações da Rua Augusta também dariam novos usos, públicos e disputas para a região. Na última década, aí inclusa a inauguração do shopping, diversos empreendimentos imobiliários foram implementados na Rua Frei Caneca, indo desde prédios de apartamentos de um dormitório a apartamentos de quatro dormitórios com varanda gourmet, sem falar em prédios de escritórios comerciais e na ampliação dos espaços e serviços de lazer na rua.

Para a presente apresentação irei me focar em dois temas principais e centrais em minha pesquisa: a questão da moradia na Rua Frei Caneca, relacionada aos novos empreendimentos imobiliários residenciais; e a assunção do uso polissêmico da definição de gueto, e gueto gay principalmente, para se referir à presença gay na rua. Como parte relacionada a ambas as questões, o lazer, principalmente frequência a bares e boates direcionadas a públicos homossexuais masculinos, e a apropriação do espaço. Tentarei deixar mais claro no fim da apresentação, ainda que de forma concisa e inicial, como estes dois últimos itens estão bastante próximos a um contexto recente de aumento de violência direcionada a pessoas presumidamente gays na região, aumento que se verifica, ao menos, na veiculação midiática de ataques nas ruas desde fins de 2010.

Passarei a uma breve descrição do campo, meu aporte teórico para pensar o espaço, o desenvolvimento recente da pesquisa no que concerne à moradia e moradores da Rua Frei Caneca para relacionar aos usos e descrições do espaço.

Contexto imobiliário: novos edifícios, alto padrão e novos moradores da Frei Caneca

São Paulo, assim como boa parte das grandes cidades brasileiras, vem passando por um forte incremento no mercado imobiliário na última década, em parte impulsionado por uma situação econômica favorável e pela ideia da escassez de oferta neste ramo do mercado brasileiro. Investimentos pesados de bancos públicos e privados no financiamento de tais empreendimentos ajudam a compreender o atual contexto da cidade.

É interessante observar como alguns bairros antes deixados de lado pelo mercado imobiliário vêm ganhando destaque e interesse pelo grande número de terrenos que outrora abrigaram galpões de fábricas e indústrias, como o caso da Barra Funda, bairro na Zona Oeste no qual diversos edifícios de alto padrão têm sido construídos, relacionando tal espaço com o bairro de classe média alta Higienópolis, ao lado. Curioso é observar com algumas regiões densamente povoadas começaram a ganhar destaque no recebimento de altos investimentos nesta área, como a região da Bela Vista e de Cerqueira César. Ambos os bairros são dos mais populosos da cidade e encontram-se entre a região central, propriamente dita (Sé, República, Anhagabaú) e a Avenida Paulista. São dois bairros de antiga urbanização e carência de terrenos livres para a construções de edifícios residenciais e comerciais. No entanto, principalmente a região de Cerqueira César, tem passado por alterações rápidas em sua paisagem urbana e, para esta apresentação, me deterei no campo em que pesquisei, a Rua Frei Caneca.

Nesta última década há pelo menos quatro empreendimentos imobiliários de grandes proporções realizados na Frei Caneca: O Shopping & Convention Center Frei Caneca, em 2001; dois prédios residenciais mais modestos, com apartamentos de 1 ou 2 dormitórios; e o primeiro conjunto de três torres residenciais de alto padrão, o Paulista Home Resort (PHR), com apartamentos de 3 e 4 dormitórios, grande oferta de aparelhos de lazer e serviços e bem em frente ao shopping. Encontram-se em processo de construção e/ou vendas um edifício de escritórios e um residencial na Frei Caneca e três edifícios residenciais na Rua Paim, uma de suas transversais e, como se verá mais à frente, um vetor de diferenciação dos moradores do PHR. Ainda para fins de contextualização, mas no qual não me deterei muito por já ter trabalhado melhor esse tema em textos anteriores, há alterações importantes sendo realizadas na Rua Augusta,

paralela da Frei Caneca outrora conhecida pelos espaços de prostituição feminina que hoje rivaliza com uma noite de bares e boates de rock e música eletrônica: um grande terreno, onde havia três casas de prostituição, foi demolido para receber um conjunto de duas torres residenciais, chegando à Rua Bela Cintra, sendo que esta batiza o empreendimento; um outro terreno onde havia um casarão invadido foi demolido para receber outro empreendimento do tipo, menor e mais modesto; e, por fim, o tradicional Hotel Ca'd'Oro, no início da Rua Augusta, terá parte de sua estrutura demolida para receber um novo hotel, um edifício comercial e outro residencial.

Como trata-se de um contexto bastante amplo de alterações na região, irei apenas citar que nas proximidades do Ca'd'Oro ainda se pode pontuar a grande reforma na Praça Roosevelt, as alterações da área de restaurantes da Rua Avanhadava e a construção de um edifício planejado pelo escritório do arquiteto Marcelo Rosenbaum à beira da Avenida 9 de Julho, comumente desvalorizada.

Para essa apresentação irei focar minha análise a partir de dados de campo de dois espaços especificamente: o edifício Paulista Home Resort e o bar To-Ze, ou 'bar da loca', localizado na esquina da Frei Caneca com a Rua Peixoto Gomide e assim conhecida pela proximidade com a casa noturna A Lôca. Meu recorte se dá pelo fato de já ter um bom número de dados sobre o shopping, de pesquisa anterior; este ter relações bastante próximas com o referido edifício e eu possuir contatos no PHR de moradores recentes, além de acesso ao grupo de e-mails dos moradores; e parte destes moradores citarem a rua, sua oferta de serviços de lazer, a localização da moradia e o entendimento que eles, recém chegados à região, fazem da identidade da Frei Caneca, esta produzida a partir de uma relação de externalidade. Ainda possuo um material etnográfico em construção, mas já indicativo de possibilidades analíticas sobre a definição da rua, da sua suposta centralidade e identidade gay.

Já pude observar alguns movimentos no interior do Shopping Frei Caneca que ligavam espaços específicos a identidades sócio sexuais fixadas, o que tendia a alocar o sujeito que ali estava dentro de um entendimento de performance sexual de gênero (PUCCINELLI, 2011). Comumente quem fala de outrem como sujeitos gays se referia a estes de maneira pejorativa, trazendo à tona termos que colocavam tais pessoas como bichas poc-poc, mariconas, etc, numa clara alusão a um deslocamento negativo para o tropo feminino. Esses sujeitos são compreendidos como possibilidades sexuais desvalorizadas, circulando nos corredores do shopping a procura de sexo casual e

afeminados. Parte destes mesmos sujeitos que alocam os outros como afeminados se definem como gays, numa alusão a um termo supostamente neutro, mais referente a um poder aquisitivo maior e masculinidade. Na época, estar nos sanitários masculinos problematizava sobremaneira essa relação.

O conjunto de torres Paulista Home Resort foi inaugurado em maio de 2011, com uma estrutura de festa para a ocasião: havia Djs, música, um verdadeiro evento para chamar a atenção de quem passasse pela Rua Frei Caneca. Todos os moradores receberam um kit do shopping contendo dezenas de cupons de desconto nas lojas, vales brinde e um espumante com duas taças. Há de se salientar que o PHR fica de frente para o shopping e ofertará, quando de todas as suas mais de 200 unidades estiverem ocupadas, frequentadores privilegiados.

Nos dados coletados junto aos moradores do PHR, tenho tido maior acesso a jovens casais auto-definidos como heterossexuais, os quais se mudaram para a região da Frei Caneca pelas possibilidades e facilidades de se morar no Centro. A questão da centralidade é crucial no entendimento da escolha de moradia e a Frei Caneca torna-se um espaço desejado para quem quer estar no Centro da cidade. A questão da centralidade também se expressa desde a veiculação de propaganda sobre os empreendimentos residenciais citados no começo deste texto: todos apresentam imagens de monumentos e edifícios localizados nas proximidades da Sé, marco zero da cidade, como o Teatro Municipal, dando ênfase à revitalização pela qual a região passa.

As cinco conversas mais profundas realizadas com moradores enfatizavam nestes aspectos: centralidade, oferta de serviços e lazer diversificado, com ênfase em diversão noturna. Ir a bares e casas noturnas de prevalência gay, como citado por todos, se configurava em possibilidade de ampliação da diversão, estar em ambientes mais 'abertos' e menos 'caretas'. Segundo a maior parte das falas, há uma frequência gay de fato na rua e nos espaços de lazer, mas isso não é necessariamente um problema. Tais gays são reconhecidos, segundo os entrevistados, por trejeitos mais femininos, as roupas que vestem os corpos musculosos. Ainda assim citaram a presença de homens mais velhos também reconhecidos como gays. Para essas pessoas não havia outro termo para se referir a essas pessoas, salvo viado ou bicha, mas consideram pouco apropriado, o que em parte pode se dar pela relação com o pesquisador.

Um dado interessante de suas falas foi sobre como entendiam a rua antes de se mudarem: reconheciam, desde então, a rua como a 'rua gay' de São Paulo, principalmente pela divulgação na grande imprensa e comentários de amigos que sabiam do interesse. Também achavam que o centro, e se alojavam residindo no centro da cidade, estava mudando e oferecia mais segurança, mesmo com a veiculação de notícias de ataques a homossexuais na região. Parte destes amigos fizeram piadas em relação a isso, comentando que poderiam ser 'confundidos' com gays e/ou sofrer agressões ou paqueras. Foram poucas as vezes, mas a expressão 'gueto gay' surgiu como meio de pensar na possibilidade de maior presença de homossexuais no edifício. Isso não era expressado como um problema, necessariamente, mas como um diferencial a ser considerado. Um rapaz, noivo, de 26 anos, chegou a cogitar a possibilidade de haver reuniões de condomínio cujas solicitações dos gays tivessem proeminência; mas, ainda assim, a maioria numérica de gays não se dava de fato.

Esses moradores também citaram a valorização do espaço como fator relevante e a segurança que o empreendimento oferecia para que pudessem criar filhos com tranquilidade. De fato o PHR tem altos muros e uma estrutura interna que busca dar conta das necessidades de lazer para os condôminos. O PHR se aproxima dos empreendimentos mais recentes e antes mais comuns em algumas regiões mais longínquas do Centro da cidade: condomínios fechados e altamente monitorados, com equipes de segurança terceirizadas. São praticamente enclaves fortificados (CALDEIRA, 2000), só que agora mais verticalizados e próximos às centralidades da cidade.

#### *Bar da lôca: ponto de encontro, identificação e apropriação*

Outro dos locais em que realizo campo e que gostaria de trazer para essa discussão se refere ao Bar To-Ze, o qual chamarei de Bar da Loca por ser mais conhecido assim. Este bar ganha proeminência na pesquisa por estar relacionado à casa noturna A Lôca, a mais antiga da rua, anterior ao processo de alteração da região, mas principalmente por agregar um grande contingente nas noites dos finais de semana. Em alguns dias a frequência beira a duas centenas de pessoas, que se espriam para o outro lado da rua, a calçada e até outros bares, mantendo como ponto central o Bar da Loca.

Também na última década a região dos limites da Frei Caneca com a Rua Peixoto Gomide e Rua Dona Antônia de Queirós recebeu um grande investimento na oferta de equipamentos de lazer noturno como bares e restaurantes, além de um clube de sexo para homens. Este quarteirão, em especial, concentra a maior parte destes locais, sendo o espaço do Bar da Loca com a maior circulação de pessoas nas noites.

O Bar da Loca também mantém uma relação de diferenciação de seus frequentadores com os usuários do espaço da Peixoto Gomide que leva à Rua Augusta: parte considerável dos que estão no Bar da Loca definem estes outros como emos, ainda que estes mesmos não se definam assim. O bar ainda serve de referência, como ponto de encontro, de apresentação da noite gay para visitantes estrangeiros e de partida para outras casas noturnas. Durante o dia outros espaços, como o bar Madadayo, costumam ter maior frequência numérica, não conferindo, no entanto, um aspecto de identificação com os clientes.

Conseguí a maior parte das informações com conversas mais informais, principalmente pelo fato de estar num espaço e situação de lazer, com um grande número de pessoas, barulho, etc. Numa das idas a campo pude acompanhar um dos entrevistados do PHR, que disse ir por vezes no bar para beber com amigos, mas sem frequência. Este mesmo informante definia o bar como um bar gay.

Mas a maior parte dos frequentadores do bar com os quais pude conversar vinham de outros bairros e regiões, muitas vezes longe do Centro da cidade. Diziam se deslocar até lá por gostarem do clima 'despojado' do bar, mas que possuía uma frequência melhor que a de bares da região da República. Também afirmavam que no Bar da Loca seria certo que encontrariam amigos sem precisar marcar o encontro, que este era um bom lugar de preparação para posteriormente irem às casas noturnas, nem todas na região, e que poderiam beber por um preço relativamente baixo em relação a outros bares da região. Também afirmavam que ir lá propiciava uma paquera inicial, conhecer novas pessoas, inclusive homens estrangeiros, e saber qual balada 'ia bombar'.

É fundamental pontuar que a grande maioria dos frequentadores do Bar da Loca não fica no seu interior, ainda que o espaço tenha aumentado após uma reforma recente, ganhando um amplo salão que permanece relativamente vazio quando se verifica a quantidade de pessoas que estão na calçada e em parte da rua. A maior parte das pessoas

que vão ao bar preferem ficar na calçada, como estratégia 'para ver e ser visto', e se utiliza da compra direta das cervejas, levando as garrafas para a calçada.

Mesmo ocupando as ruas, alguns dos frequentadores se referiam à Frei Caneca não apenas como 'rua gay', mas também como 'gueto gay', lembrando de outros espaços que poderiam ser assim classificados, como a Vieira de Carvalho. Relacionaram isso com os ataques ocorridos nos últimos tempos e mais amplamente divulgados na grande imprensa, boa parte destes ocorrida nos arredores da Frei Caneca. Ainda assim, conscientes de um perigo iminente de agressão na região, nenhum deles manifestou desejo em deixar de frequentar o bar e a região, se referindo ao espaço como local de identificação e pertença, como um lugar em que se sentiam bem e que já fazia parte de suas vidas. Um destes rapazes se referia à frequência ao Bar da Loca como verdadeira ocupação da rua, pela quantidade de pessoas que lá estavam, principalmente aos finais de semana.

### *Gueto gay? Territorialidade, espaço e identidade*

Tenho trabalhado teoricamente com a ideia de gueto, e gueto gay, desde que tal expressão ganhou relevo no campo de pesquisa e trouxe problematizações para se pensar na configuração da Rua Frei Caneca. Desde 2003, pelo menos, pode-se contextualizar uma maior divulgação de tal frequência devido a alguns acontecimentos relativos a descontinuidades da administração do shopping com seu público 'peculiar': neste ano um casal de homens foi convidado a se retirar do shopping por um segurança por estar trocando beijos em público, fazendo com que o local fosse alvo de processo com base em lei anti-discriminatória do estado de São Paulo<sup>2</sup> e um protesto público na sua praça de alimentação intitulado beijaço<sup>3</sup>. A partir de então o local passou a ser conhecido pela presença de gays, principalmente, ganhando apelidos que faziam referência a isso, como Frei Boneca e Gay Caneca (CARVALHO, 22/06/2003). Neste

---

2 ESTADO DE SÃO PAULO. Lei n. 10.948 de 05 de novembro de 2001: 'Dispõe sobre as penalidades aplicadas à prática de discriminação em razão de orientação sexual e dá outras providências'.

3 Protesto comumente utilizado contra a discriminação a homossexuais no qual diversos casais do mesmo sexo se beijam em local público.



caso, a administração do shopping, ciente da repercussão negativa da expulsão, aproveitou o 'evento' para torná-lo uma festa, adornando seus corredores com bandeiras do arco-íris e contratando um DJ; situação semelhante é observada durante o fim de semana de realização da Parada do Orgulho LGBT, já que o shopping fica próximo às ruas do evento. Ver comentários a respeito em FRÚGOLI JR. (2008).

Em 2008 a Rua Frei Caneca tem ganhado destaque devido à polêmica criada em torno do projeto de oficializá-la como uma rua temática<sup>4</sup> gay, apresentado pela Associação GLS Casarão Brasil, a qual pretendia, além deste projeto (que inclui a 'revitalização' do logradouro), destinar parte de seus trabalhos para a área de saúde e acolhimento de pessoas em situação de rua, todos direcionados à comunidade homossexual. Essa é uma questão que se mostrou importante de ser explorada, ainda que a associação tenha deixado de existir por conta do fechamento da Sauna 269, cujo dono também era presidente do Casarão Brasil: a polêmica criada em torno do projeto de tornar a Rua Frei Caneca oficialmente gay. Alguns atores se tornaram centrais nessa discussão pela ampla utilização da noção de um gueto gay local e uma breve passagem sobre os principais acontecimentos acerca do assunto, ainda em voga, e dados etnográficos auxiliarão numa melhor compreensão dos conflitos sobre a definição das legitimações sobre a Rua Frei Caneca, principalmente a partir das falas de moradores recentes e frequentadores da rua.

Em julho de 2008 o presidente da Associação GLS Casarão Brasil, Douglas Drumond, apresentou à imprensa o projeto de tornar a Frei Caneca uma rua temática oficial, no caso, uma rua gay. Baseado em um levantamento visual feito por seu assistente, Drumond definiu a Frei Caneca como uma rua “tomada por gays” Segundo suas próprias palavras, “é só olhar na rua para ver, nem precisa perguntar”<sup>5</sup>. Assim, para sua necessidade de defesa do projeto, bastou um levantamento visual para se definir a prevalência desse público. Segundo a imprensa (PRONSATO, 13/08/2008), o projeto contava ainda com o apoio dos então vereadores Soninha Francine (PPS) e Netinho (PSDB).

---

4 São Paulo possui cerca de 52 ruas temáticas (rua das noivas, rua das grifes, etc), das quais poucas são oficiais.

5 Entrevista realizada em abril/2009.

Boa parte da literatura que se debruçou sobre os guetos gays de São Paulo tomou como exemplo as pesquisas norte-americanas sobre o caso paradigmático de alguns bairros da cidade de São Francisco (LEVINE, 1979). No caso brasileiro, a expressão não foi transportada sem uma série de mediações: muitas vezes referente a um agrupamento fluido de estabelecimentos comerciais dirigidos a ou frequentados por gays, o gueto era a expressão da circulação de lazer destes indivíduos ou um marcador político importante de afirmação de existência pública e visível<sup>6</sup>. No entanto, a noção do nomadismo característico dos movimentos deste grupo como articulada por Perlongher sobre o gueto gay paulistano, ligando-o à definição de região moral<sup>7</sup> da Escola de Chicago, fornece um importante ponto inicial de reflexão para as mudanças territoriais recentes nos espaços de sociabilidade gay da cidade. Ainda assim, falar previamente na constituição de um gueto gay na Frei Caneca indica antes algumas posições políticas de quem se entende legitimado a falar sobre a rua do que uma constatação baseada em dados concretos: não há evidências de grande contingente de moradores assumidamente gays, mas tão somente a observância da presença e preferência deste público a vários espaços na rua junto a outros grupos não relacionados diretamente às homossexualidades.

Isso fica mais claro em relação ao PHR e ao Bar da Loca: apesar de uma expectativa e entendimento da região como um gueto gay, ambos os espaços não se configuram como locais de exclusividade e limitação de frequência a este público. Pode-se inferir sim a proximidade semântica da noção de gueto gay como infere MacRae (2005) ao se referir aos espaços de apropriação por usos de lazer na região da República na década de 1980.

---

6 Sobre as diferentes abordagens da expressão ver MACRAE, 1983; FRANÇA & SIMÕES, 2005; FRANÇA, 2006; PERLONGHER, 2008. Pode-se até inferir sobre a similitude das noções de gueto gay e circuito, como entendido por Magnani, no caso da prevalência de estabelecimentos comerciais direcionados numa dada localidade.

7 “É inevitável – raciocina Park – que indivíduos que buscam as mesmas formas de diversão devam de tempo em tempo se encontrar nos mesmos lugares.’ A população dessas áreas – que nem necessariamente reside, mas apenas perambula pelo local – ‘tende a se segregar não apenas de acordo com seus interesses, mas de acordo com seus gostos e temperamentos” (PERLONGHER apud PARK, 1973, p.64).

Ainda a partir do contexto apresentado pode-se pensar num processo de alteração do perfil de moradores, aumento do poder aquisitivo e afluência de pessoas mais jovens. Os empreendimentos de maior padrão e a estrutura de condomínios com forte esquema de segurança apontam para grupos que querem cada vez mais sentirem-se residindo no Centro, mas sem os problemas que este mesmo Centro poderia oferecer. Assim, escolhem espaços de moradia nos quais podem se separar das intempéries dos arredores: insegurança, moradores de rua, agressões.

Por outro lado, a maior parte dos frequentadores do Bar da Loca vê na ida e frequência deste espaço parte de sua vivência identitária inclusive, mesmo sabendo das possibilidades de agressão. O espaço fechado do bar é ignorado, enquanto estar à mostra faz parte do programa, da saída à noite. Em comum, moradores e frequentadores do bar, têm a percepção de estarem ambos num lugar 'gay', mesmo num 'gueto gay', e o movimento de percepção disto vir de uma externalidade: são antes as percepções de outros que informam a conformação deste espaço identitário, ou anteriores à chegada à Rua Frei Caneca. A ideia de um lugar gay atrai e afasta, mas é anterior a se estar no lugar, se produz na chegada e se cristaliza nas relações realizadas na rua.

Ultimamente tenho pensado nessa produção relacional do espaço, em como esses dados de identidade ajudam a pensar o espaço não como um lugar de identidade fixa, mas como fixador dela. Por diversos processos, macro e microssociais de produção: pelas relações locais, pelo entendimento dos outros, pela interpretação do que seja ser gay e as possibilidades de identificação de outras formas de expressão gay. Pensar na ideia de enclave tem me levado para outras direções, como a que problematiza a ideia mais cristalizada de gueto (MARCUSE, 1997) e a que pensa os espaços fechados e exclusivos e era essa a contribuição que gostaria de dar para a presente discussão.

Bibliografia citada

CALDEIRA, T. P. Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo, Editora 34/Edusp, 2000.

CARVALHO, M. C. “Região da Frei Caneca vira ‘point’ GLS”. Folha de São Paulo, São Paulo, 22/06/2003, p.C8.

FRANÇA, I. L. Cercas e pontes. O movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo. Dissertação de mestrado, Antropologia Social, USP, 2006.

FRÚGOLI JR., H. “Sociabilidade e consumo nos shopping centers de São Paulo: eventos e desafios recentes” in Bueno, M. L. & Camargo L. L. (orgs.). Cultura e consumo: estilos de vida na contemporaneidade. São Paulo, Ed. Senac SP, 2008, 231-246.

LEVINE, M. “Gay ghetto” in Levine, M. (org.) Gay men: the sociology of male homosexuality. New York: Harper & Row, 1979.

MACRAE, E. “Em defesa do gueto” [1983] in Green, J. N. & Trindade, R. (orgs.) Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo, Ed. Unesp, 2005, 291-308.

MAGNANI, J.G. C. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. in Magnani, J. G. C. & Torres, L.de L. (orgs.). Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo, Edusp/Fapesp, 1996. 12-53.

MARCUSE, P. “The enclave, the citadel, and the ghetto: what has changed in the Post-Fordist U. S. City”. Urban Affairs Review, Sage Pbl. Inc., vol. 33, n. 2, nov./1997, 228-264.

PARK, R. E. “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano” in Velho, O. G. (org.), O fenômeno urbano, Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1987 [1916], p. 26-67.

PERLONGHER, N. O negócio do michê [1987]. 2ª ed. São Paulo, Editora Perseu Abramo, 2008.

PRONSATO, B. “Rua Frei Caneca: ser ou não ser gay”. RRAURL, 13/08/2008, disponível em [http://rraurl.uol.com.br/cena/5574/Rua\\_Frei\\_Caneca\\_\\_ser\\_ou\\_nao\\_ser\\_gay](http://rraurl.uol.com.br/cena/5574/Rua_Frei_Caneca__ser_ou_nao_ser_gay) (acessado em 11/01/2009).

PUCCINELLI, B. Territórios Sexuais: análise de sociabilidades homossexuais no shopping gay de São Paulo in: Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, jan./jul. 2011, p. 133 – 140.

SIMÕES, J. & FRANÇA, I. L. “Do ‘gueto’ ao mercado” in Green, J. N. & Trindade, R. (orgs.) Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo, Ed. Unesp, 2005, 309-336.